

Barreiras e Desafios Paradigmáticos na Contabilidade: Relatos de uma Pesquisadora não *Mainstream*

Vagner de Oliveira Magrini¹ , Marli Auxiliadora da Silva² , Sandra Maria Cerqueira da Silva³ , Eduardo Codevilla Soares⁴ 

¹ Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

² Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil.

³ Universidade Estadual de Feira de Santana e FAT, Feira de Santana, Bahia, Brasil.

⁴ Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima, Brasil.



¹vmagrini82@gmail.com

²marli.silva@ufu.br

³sandraam@uefs.br

⁴eduardo.soares@ufr.br

Editado por:

Elisabeth de Oliveira Vendramin

Resumo

Objetivo: Identificar as dificuldades encontradas na contabilidade para a realização de pesquisas que subvertem os padrões de dominação paradigmática.

Método: No estudo são empregados os conceitos teóricos de campo, *habitus* e capital de Pierre Bourdieu. Sob o aspecto metodológico utiliza-se a abordagem interpretativa crítica, sob o enfoque qualitativo, mediante o uso de entrevista em profundidade. Para a análise da narrativa usou-se a análise dialógica do discurso na vertente Bakhtiniana.

Resultados: O estudo revela as dificuldades enfrentadas pela entrevistada, tanto no relacionamento acadêmico com professores, quanto com colegas da pós-graduação, em especial por não empregar o paradigma *mainstream* em sua pesquisa. As evidências demonstram a existência de barreiras para a divulgação de suas pesquisas em congressos e em periódicos da área, que por vezes sequer recebia pareceres. Igualmente destacam-se as dificuldades da pesquisadora em obter financiamento para seus estudos, sob a justificativa de que a pesquisa não *mainstream* desenvolvida por ela não se trata de um estudo contábil. Tais dificuldades, abordadas no texto, reforçam a situação de dominação no campo de pesquisa contábil, orientado pelo paradigma funcionalista e positivista, assim como evidencia o esforço pela manutenção do status quo por parte dos que estão em posição de dominação no campo.

Contribuições: Além da proposta metodológica que subverte o paradigma predominante nas pesquisas contábeis, as discussões do presente estudo podem contribuir para a compreensão e superação de dificuldades ao expor como o pensamento e as ações ligadas ao *mainstream* reproduzem preconceitos e tentam invisibilizar as perspectivas que buscam ampliar o horizonte teórico e metodológico da pesquisa contábil.

Palavras-chave: Pesquisa Contábil; Dominação Paradigmática; *Mainstream* Contábil; Abordagem Crítica; Bourdieu.

Como Citar:

Magrini, V. de O., Silva, M. A. da, Silva, S. M. C. da, & Soares, E. C. (2024). Barreiras e Desafios Paradigmáticos na Contabilidade: Relatos de uma Pesquisadora não *Mainstream*. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 17(1), 098–111/112. <https://doi.org/10.14392/asaa.2024170105>

Submetido em: 06 de Março de 2023

Revisões Requeridas em: 20 de Setembro de 2023

Aceito em: 25 de Outubro de 2023

Introdução

Estudos no campo da contabilidade denotam que a pesquisa é norteadora por pressupostos epistemológicos que, segundo Hopper e Powell (1985), podem ser entendidos através do modelo categórico que divide os paradigmas utilizados em pesquisa em: i) crítico, ii) interpretativista, e iii) funcionalista (*mainstream*). Cada paradigma utiliza diferentes teorias e métodos de análise da realidade social, que influenciam a condução da pesquisa e proporcionam variados entendimentos acerca dos fenômenos estudados.

O paradigma funcionalista, apoiado na abordagem positivista, é o mais utilizado na Contabilidade, e decorre dos estudos clássicos nos quais a realidade é tida como objetiva, concreta e unitária, devendo ser compreendida a partir de perspectivas empíricas e analíticas. Pesquisas que adotam esse paradigma buscam a produção de evidências e leis generalizáveis baseadas na objetividade (Chua, 1986; Homero Junior, 2017a; Theóphilo & Ludícibus, 2005). Para Lourenço e Sauerbronn (2016, p. 103) “os interesses inerentes a esse tipo de pesquisa são previsão e controle, conhecimento tecnicamente explorável, e explicação”.

Diferentes autores ao longo do tempo (Bilhim & Gonçalves, 2021; Hernández, 2018; Homero Junior, 2017a; 2017b; Lourenço & Sauerbronn, 2016; Major, 2017; Theóphilo & Ludícibus, 2005) evidenciam que há uma dominação das pesquisas positivas na produção do conhecimento contábil, e fazem críticas às limitações dessas pesquisas e à reduzida adoção de outras posturas teóricas e metodológicas no campo contábil, visto que os pesquisadores não se aprofundam nos demais paradigmas, reafirmando a hegemonia positivista.

De maneira geral, o campo científico em contabilidade no Brasil tem sido objeto de investigação e os estudos, afirma Homero Júnior (2017b), revelam críticas quanto à diversidade temática, metodológica e epistemológica considerada baixa e com a prevalência de abordagem positivista a partir do início dos anos 2000. Há ausência de uma linha consolidada de pesquisas interpretativas e críticas, bem como predomina “um caráter monoparadigmático” nessa área do conhecimento.

A concentração de pesquisas positivistas no campo contábil leva a diferentes tipos de tensões e barreiras frente às tentativas de adoção de novas abordagens. Como exemplo dessas dificuldades na busca por pluralidade epistemológica cita-se o fato de que, por vezes, os pesquisadores que iniciam a pós-graduação não encontram disciplinas que contemplem a discussão de outras abordagens que não seja a funcionalista/positivista, perpetuando a dominação que caracteriza o campo (Bilhim & Gonçalves, 2021). Em algumas situações também não há apoio de orientadores na produção de pesquisas que fujam da abordagem positivista

(Homero Júnior, 2017a; Bilhim & Gonçalves, 2021). Outro exemplo de dificuldade que pesquisadores interpretativistas e críticos referem-se à divulgação dos seus trabalhos, visto que as políticas de publicações das revistas contábeis prezam, na sua maioria, por pesquisas funcionalistas.

Decorrente do exposto, esta pesquisa busca empiricamente, através de uma entrevista em profundidade, evidenciar as dificuldades enfrentadas por uma pesquisadora ao optar por outro paradigma de pesquisa que não seja o dominante nas pesquisas contábeis. Intenta-se responder a seguinte questão: quais as dificuldades encontradas no campo contábil para a realização de pesquisas que subvertem os padrões de dominação paradigmática? Alinhada à questão apontada, o objetivo consiste em identificar as dificuldades encontradas no campo contábil para a realização de pesquisas que subvertem os padrões de dominação paradigmática, a partir da discussão de evidências acerca do grau de abertura na contabilidade para pesquisas distintas do *mainstream*.

Para responder à questão elaborada, com a elucidação de possíveis mecanismos de dominação e/ou embates no âmbito das pesquisas contábeis, são utilizados os conceitos teóricos de campo, *habitus* e capital de Pierre Bourdieu. Tais conceitos oferecem uma base de sustentação para a discussão proposta, ao proporcionar um entendimento acerca da construção do campo científico e das disputas que acontecem no seu âmbito e caracterizam sua dinâmica social.

A dinâmica social, explica Bourdieu (1989), acontece no interior de campos, que são espaços constituídos por agentes, cujas disposições específicas caracterizam o jeito de ser desse campo, formando o *habitus*. Cada campo é composto por valores (capital) que lhe dão sustentação e é regido por disputas entre os agentes que procuram manter, acumular ou alterar os valores, criando relações de forças. Os agentes que detêm maior influência ou acúmulo de capital conquistam mais espaço e destaque, passando a dominar o campo.

A posição de cada agente dentro do campo acaba por determinar sua conduta individual e coletiva. Os agentes que buscam a manutenção do status quo estabelecido já conquistaram um espaço dentro do campo, ou que tem pretensões de conquistar, seguem as regras do jogo sem questioná-las, pois, aceitam passivamente as coisas como elas são e procuram apenas criar, aumentar ou acumular capital dentro do campo (Bourdieu, 2004a). O jogo lhes é favorável, e eles, como dominantes, não desejam mudanças, como é o caso dos pesquisadores positivistas que, no âmbito da contabilidade, detêm o domínio e conseqüentemente, agem no sentido de manter o *habitus* e a conformação do próprio campo.

Por outro lado, há os agentes que não aceitam as regras estabelecidas e tentam alterá-las, subvertem o status quo e procuram por mudanças que ajudem a transformar o campo (Bourdieu, 2004a). Os pesquisadores críticos e interpretativistas podem ser identificados como esses agentes que buscam transformar o campo, propondo novo *habitus* de pesquisa e ressignificação do capital circulante. Essa relação de conflito entre dominantes e dominados gera disputa por consolidação dentro do campo, em que ambos os lados buscam por diferentes formas de capital à procura de legitimação.

Considerando então os conceitos Bourdieusianos acerca de campo, *habitus* e capital, e entendendo a pesquisa contábil como um campo constituído de relações objetivas e limites abstratos, formado por diversos agentes, e caracterizado por regras próprias e aprendizados implícitos que moldam o jeito de ser do campo - dominado pelo paradigma funcionalista - faz-se necessária a identificação e compreensão das tensões sofridas e barreiras enfrentadas por pesquisadores que optam por diferentes paradigmas.

Esperamos com esta pesquisa discutir elementos que permitam compreender e evidenciar a dinâmica do campo e, com isto, apontar opções de caminhos para a ampliação paradigmática da pesquisa contábil e dessa forma corroborar com Vogt et al. (2021 p. 67) que argumentam ser imprescindível:

[...] uma ruptura por intermédio da conversão do olhar, de um novo olhar, de 'produzir' um novo homem, sendo necessária uma revolução mental, que envolva a mudança de toda a visão de mundo social. Para tanto, se não for pela quebra de paradigmas, como vamos produzir esse novo homem e novo olhar?

A necessidade de contribuir às discussões que intentam superar a dominação do paradigma positivista, considerado como elemento limitante da compreensão ampla dos fenômenos contábeis (Bilhim & Gonçalves, 2021; Hernández, 2018; Homero Junior, 2017a, 2017b; Lourenço & Sauerbronn, 2016; Major, 2017), justifica esta pesquisa. É essencial fomentar os aspectos que contribuam para a transformação e a ampliação do campo epistemológico contábil. Por isso é imperativo conhecer e revelar os desafios, explícitos e latentes, que atuam para ampliar e fortalecer as discussões acerca das mudanças paradigmáticas necessárias ao avanço do campo científico da contabilidade.

2 Referencial Teórico

2.1 Conceitos de campo, *habitus* e capital na obra de Bourdieu

Ao longo de sua trajetória, o sociólogo francês Pierre Bourdieu investigou e analisou as ações sociais, entendidas como práticas sociais, com o objetivo de desvendar como a sociedade tenta reproduzir nos indivíduos as suas estruturas políticas, morais, éticas,

dentre outras. Para Bourdieu (2003) a sociedade é formada por campos, sendo cada campo um microcosmo social, ou seja, espaços constituídos por agentes – que podem ser indivíduos ou instituições – dotados de certa autonomia e possuidores de regras próprias, específicas do espaço que integram. O campo possui limites abstratos, demarcados pelo interesse e investimento de seus agentes, sendo mutável e carregado de histórias que ajudam a esclarecer sua composição. Por ser um sistema aberto, o campo interage, influencia e é influenciado por outros campos por vezes mais amplos.

O funcionamento de um campo se dá mediante o entendimento das regras que o regem e governam, denominadas por Bourdieu (1989) como *nomos*. O entendimento das regras do jogo, ou *nomos*, vai se tornando algo natural, implícito para aqueles que já conhecem as regras. Porém, antes de se tornarem implícitas, os agentes, sobretudo os iniciantes, precisam aprender as regras do jogo para poder jogá-lo. Só aqueles que sabem jogar o jogo são capazes de se sustentar no campo.

O estabelecimento das regras leva a uma autorregulação do campo e de suas atividades, fazendo com que os agentes dentro dele e aqueles interessados em adentrá-lo, busquem sempre agir de acordo com tais regras, cujo cumprimento resulta em um acordo tácito no qual há o reconhecimento mútuo pelos atores que ali estão. Essa característica é nomeada por Bourdieu (1989) como *doxa*. Assim, a significação do campo só pode ser compreendida pelos agentes que nele atuam, pois só eles são capazes de reconhecer suas regras e os valores expressos, ou seja, reconhecer a *doxa* estabelecida naquele campo (Thiry-Cherques, 2006).

As regras (*nomos*) que se tornam implícitas e criam um acordo tácito (*doxa*) entre os agentes, fazem com que o campo, em sua maioria, seja constituído de atores que pensam e agem de forma muito parecida. Os agentes sequer percebem terem sido acometidos por esses elementos (*monos* e *doxa*) que caracterizam o jeito de ser do campo, o que revela o *habitus* (Bourdieu, 2004a). O termo *habitus* foi adotado por Bourdieu para distinguir-se de vocábulos usuais como hábito, costume, praxe, que não abarcam todos os elementos que constituem o conceito.

Thiry-Cherques (2006) entende que o *habitus* carrega em si um sistema de disposições duráveis e transferíveis que catalisa o princípio gerador e organizador de práticas e de representações do campo. Bourdieu (2003, p. 125) define o *habitus* como sendo “[...] disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores; é gerador de estratégias que podem estar objetivamente em conformidade com os interesses objetivos dos seus autores sem terem sido expressamente concebidos para esse fim”.

O *habitus* é a naturalização social da *doxa* estabelecida,

de tal forma que a conduta dentro do campo seja orientada por ele. O *habitus* funciona então, como um mecanismo de socialização em que valores e comportamentos são apreendidos, interiorizados e tidos como óbvios no interior de um dado campo. É também o meio pelo qual as características intrínsecas do campo são repassadas pelos agentes que já o integram para aqueles que nele estão iniciando sua trajetória (Medeiros, 2017).

O *habitus* não é algo concreto, mas sim subjetivo. Apesar de carregar a internalização das concepções criadas pelo campo e funcionar como um mecanismo de socialização em que valores e comportamentos são apreendidos, interiorizados e tidos como óbvios, o *habitus* é sujeito a diferentes variações de entendimento que dependem das vivências e dos valores que os indivíduos já carregam. Toda essa bagagem de vida influencia a maneira como esse ser entenderá e agirá em determinação do *habitus* do campo em questão (Wacquant, 2007).

Bourdieu (1989) destaca também que o *habitus* torna possível que uma resistência à estrutura do campo seja estabelecida por aqueles que consigam entender e distinguir suas características, pois esses agentes podem não aceitar de maneira passiva as disposições impostas pelo campo e procurar assim, subverter o sistema estruturado, ordenado e reproduzido pelo campo, evidenciando então que, apesar da tendência de homogeneização do campo, existem sempre disputas e buscas de transformação do *habitus* que o compõem.

É preciso ressaltar, no entanto, que o entendimento da configuração do *habitus* de um campo não é uma tarefa fácil. A maioria dos agentes incluídos no campo simplesmente absorve o *habitus* deste campo e o vivem sem terem o conhecimento e a reflexão devida para distinguir o processo de interiorização e naturalização social das disposições e concepções criadas pelo campo. Um dos princípios fundamentais do campo é a estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes, caracterizada pela existência dos agenciadores e agenciados, dominantes e dominados (Bourdieu, 2004b).

No cerne das relações de poder do campo dão-se dinâmicas de concorrência e dominação. Essas dinâmicas têm origem nas estratégias de conservação ou subversão das estruturas sociais. As sociedades se organizam com indivíduos que ocupam diferentes posições sociais. Assim, no tecido social existem pessoas que estão na condição de dominantes e pessoas na condição de dominadas. O dicionário Abbagnano (2007, p. 293) faz menção ao termo dominante. O título recorta o entendimento que o fisiólogo J. Reinke (1849-1931) usou o termo como “para denominar as forças de natureza espiritual, inconscientes, mas que agem de modo finalista, que presidem às funções dos organismos e à vida em geral”. Ainda sobre o verbete e na mesma obra: “Essas forças seriam

conhecidas só indiretamente, através de seus efeitos”.

Em seus estudos, Bourdieu busca, através do desvelamento da articulação do social, encontrar tramas lógicas ou problemáticas que demonstrem a presença de uma estrutura subjacente ao social. Para tanto, analisa os mecanismos de dominação da produção de ideias. Para o filósofo, a dominação sempre é exercida mediante violência, que tanto se apresenta na forma bruta ou de forma simbólica. Se dá a partir de diferentes abordagens de coação física, sobre os corpos, e ou através da coação espiritual, sobre as consciências (Bourdieu, 2001, p. 203).

O sociólogo afirma que a formação das ideias é tributária das suas condições de produção e que os atos e os pensamentos dos agentes se efetivam mediante “constrangimentos estruturais”. Também aponta para a necessidade de que, na pesquisa, seja necessário manter, de forma contínua, uma “vigilância epistemológica”, ou seja, atentar para as condições e os limites da validade de técnicas e conceitos. O sociólogo trata ainda das atitudes de repensar cada etapa da pesquisa, mesmo as consideradas mais rotineiras e óbvias, de proceder à crítica dos princípios e à análise das hipóteses para determinar a sua origem lógica (Bourdieu et al., 1990, p. 14). Isto porque, as pessoas que estão na condição de dominantes fazem uso de estratégias que lhes permitem conservar ou conquistar novas posições, em uma luta que tanto se apresenta em diferentes conformações: explícita, material e política, bem como, travada no plano simbólico.

Em geral, a dominação, por se tratar de violência simbólica, é não-evidente, não-implícita, mas sutil e violenta. Ela é julgada como legítima dentro de cada campo. Para Bourdieu (1996) a violência simbólica está presente no discurso do mestre, na autoridade do burocrata, na atitude do intelectual dentre outros contextos. Por ser lida como ‘natural’, ou seja, inerente ao sistema, as instituições e práticas presentes revertem, implacavelmente, os ganhos dos diversos tipos de capital para os agentes dominantes. Na maioria das vezes, a dominação não resulta diretamente de uma luta aberta, mas como resposta a um conjunto complexo de ações inconscientes, de cada um dos agentes e atos realizados em instituições dominantes sobre todos os demais. O que acaba por determinar a forma como produzimos e acumulamos conhecimento.

É através da estrutura do campo que determinados agentes conquistam espaço e se valem da sua influência e prestígio. O campo, que é constituído de características conscientes e inconscientes, fomenta a estruturação da estrutura que acaba sendo naturalizada e compartilhada pelos diferentes agentes. Da mesma maneira, a própria estrutura alimenta seu processo de estruturação, caracterizando o que Bourdieu chama de estruturas estruturantes (Bourdieu, 1989). Forma-

se assim um círculo em que estruturação e estrutura se retroalimentam perpetuando as características do campo.

Os agentes que compõem as estruturas e que são eles mesmos elementos da estruturação não são, por vezes, capazes de contemplar com clareza todas as determinações do campo, sejam elas explícitas ou implícitas. Essa característica é o que Bourdieu denomina de *illusio*.

A *illusio* é o encantamento do microcosmo vivido como evidente, o produto não-consciente da adesão à doxa do campo, das disposições primárias e secundárias, o *habitus* específico do campo, da cristalização dos seus valores, do ajustamento das esperanças às possibilidades limitadas que o campo nos oferece (Thiry-Cherques, 2006, p. 38).

No entanto, apesar da imersão dos agentes na *illusio*, a estrutura de relações, e conseqüentemente as formas pelas quais se dá a estruturação do campo, acabam por criar uma constante rivalidade entre os diferentes agentes, pois dependendo das conjunturas estabelecidas há disputas por maior espaço dentro do campo e as próprias regras podem virar um objeto de disputa. Como afirma Bourdieu (2004, p. 29) “[...] o campo é um jogo no qual as regras do jogo estão elas próprias postas em jogo [...]”. Dessa forma, considerando a postura dos agentes e as diversas relações estabelecidas no interior do campo, a disputa por controle e legitimação - poder e capital - torna-se inevitável.

Os agentes detentores de maior poder e capital dentro do campo buscam sua hegemonia e manutenção, objetivando o monopólio da autoridade que lhe outorga o poder de ditar as regras do jogo e também de fornecer e repartir capital dentro do campo. A conservação da ordem social estabelecida é de interesse desses agentes, que procuram através de diferentes estratégias, a depender da conjuntura do campo, manter ou aumentar suas posições de poder.

Contrariamente os agentes que buscam por disposições diferentes daquelas que o campo exige correm o risco de, por exemplo, estarem “sempre defasados, deslocados, mal colocados, mal em sua própria pele, na contramão e na hora errada, com todas as conseqüências que se possa imaginar” (Bourdieu, 2004, p. 29). Ao não aceitarem totalmente as regras impostas pela estrutura do campo, eles almejam uma mudança nas regras e na sua posição dentro do campo, subvertem a dominação imposta e buscam a transformação [do campo].

Para Bourdieu (1989, p. 29) “não é possível apreender os espaços sociais de outra forma que não seja a de distribuições de propriedades entre indivíduos”, sendo as propriedades entendidas como ativos que são acumulados e incorporados socialmente, assumindo o papel de capital e fornecendo aos agentes que os detêm uma posição de destaque e legitimação dentro do campo. O capital não tem sua formação única e exclusivamente

baseada na economia; ao contrário, é formado através de uma estrutura social que considera os diversos aspectos e contextos do campo, sempre respeitando as características iniciais de propriedade e acumulação.

O capital pode ser constituído de diferentes formas, sendo as principais: o capital econômico, “que é convertido imediatamente em valor monetário, e pode ser institucionalizado a partir dos direitos de propriedade”; o capital social “feito a partir das conexões sociais, convertido em alguns momentos em capital econômico e institucionalizado em títulos de nobreza, por exemplo;” e o capital cultural “que pode ser convertido em capital econômico, e institucionalizado na forma de qualificações educacionais” (Bourdieu, 1989, p. 16). Há ainda o capital simbólico “geralmente chamado prestígio, reputação, e fama, que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital” (Bourdieu, 1989, p. 134).

O capital simbólico é resultante da composição dos outros tipos de capital, que são retrabalhados em termos de reconhecimento e valor social (Bourdieu, 2004). A análise do capital simbólico contribui para a compreensão da formação de campos específicos a partir da sua distribuição e pelo reconhecimento disputado na interação dos indivíduos e grupos sociais. Assim, o capital simbólico é estruturado a partir de lutas simbólicas que se realizam a partir das dimensões da influência social e da legitimação, no sentido de que os grupos que detêm maior capital simbólico conseqüentemente têm maior reconhecimento e validação (Bourdieu, 2004).

O funcionamento de cada campo determina quais as formas de capital são importantes para ele. “Os agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço” (Bourdieu, 2004, p. 24). Como a divisão desses capitais entre os agentes acontece de maneira desigual, e as disputas são inerentes ao campo, assim como também a formação de uma hierarquia social em seu interior, caracterizando sua estrutura.

Existe então uma condição relacional entre o campo e o capital, pois “para construir o campo, é preciso identificar as formas específicas de capital que nele operam, e, para construir as formas específicas de capital, é preciso conhecer a lógica específica do campo” (Bourdieu & Wacquant, 1992, p. 108). O capital a disposição dos agentes e sua acumulação só tem sentido a partir do reconhecimento dos seus pares, ou seja, são os outros agentes que legitimam o capital conquistado, sendo ao mesmo tempo concorrentes e validadores do capital em questão.

Diante desses pressupostos teóricos, a produção do

conhecimento científico no âmbito da contabilidade constitui um campo, marcado por disputas entre pesquisadores que detêm maior capital e poder e pesquisadores que buscam transformar o *habitus* que direciona a estrutura e o funcionamento do campo.

A partir das leituras de trabalhos de Théophilo e Ludícibus (2005), Lourenço e Sauerbronn (2016), Homero Junior (2017a, 2017b), Major (2017), Hernández (2018), e Bilhim e Gonçalves (2021) identificamos que o campo da pesquisa contábil situa suas relações de dominância na abordagem positivista/funcionalista, visto que os estudos aderentes a essa perspectiva representam tanto a maioria numérica quanto a hegemonia do prestígio e legitimidade dentro do campo. As pesquisas positivistas, e consequentemente seus pesquisadores, são investidos de capital e poder acumulado ao longo do processo histórico de produção do campo, encontrando capilaridade nos periódicos científicos, nos currículos dos cursos de graduação, nos programas de pós-graduação, nas agências de fomento, nos principais eventos da área, enfim, em todos os meios de validação relevantes ao campo.

Igualmente consideramos que as pesquisas de abordagem crítica e interpretativista são forças emergentes no campo da pesquisa contábil, ainda realizadas em menor quantidade se comparadas com pesquisas positivistas (Theóphilo & Ludícibus, 2005; Lourenço & Sauerbronn, 2016; Homero Junior, 2017a, 2017b), e não detêm reconhecimento e prestígio de forma hegemônica em todos os meios que constituem o campo. Entendemos que o conjunto de capitais dá poder simbólico ao agente e o faz dominar e reproduzir este poder. Desse modo, decorrente das diferenças de poder simbólico entre pesquisadores positivistas – agentes dominantes – e pesquisadores críticos e interpretativistas, são produzidas as disputas no interior do campo por reconhecimento e legitimação.

2.2 O *mainstream* contábil: limitações e críticas

O *mainstream* pode ser entendido como resultado de uma tendência dominante no meio científico, capaz de gerar um conjunto uniforme de citações e publicações que levam ao uso e à ampliação de determinada abordagem ou assunto sempre de maneira similar. Essa lógica, asseguram Colander et al. (2004), possibilita o surgimento de uma ‘elite da profissão’, em que os pesquisadores que apresentam continuamente contribuições significativas para a área são tidos como os construtores do *mainstream*, o que lhes atribui, por consequência, a lógica de ‘elite’ difundida em nível das instituições e universidades.

Em relação à ciência contábil, o *mainstream* que antes era normativo, deu lugar à abordagem positiva, “[...] popularizada por Friedman (1967) na década de 1950 em economia e passou a ser utilizada pela contabilidade no final da década de 1960 com o

trabalho pioneiro de Ball e Brown (1968)” (Cardoso et al., 2007, p. 159). Esses trabalhos seminais serviram como base para a fundamentação da Teoria Positiva da Contabilidade por Watts e Zimmerman, em 1986. A partir de então, o objetivo da teoria contábil passou a ser o de explicar e prever a prática contábil, evidenciando as razões para as práticas observadas e prevendo, antecipadamente, fenômenos contábeis não observados.

Para Zimmerman (2001) o *mainstream* contábil é demarcado pelo emprego de concepções econômicas predominantes nos Estados Unidos. Estas concepções, explica Bueno (2006), estão fortemente apoiadas no positivismo econômico de Friedman (1967), cujas raízes repousam em Keynes (1891), que por sua vez perpassam as ideias de Comte (1798-1857). Hopwood (2007) destaca que as reflexões de Zimmerman formam a base do *mainstream* contábil e evidenciam a influência das linhas de pesquisa econômicas norte-americanas.

Com o objetivo de explicar e prever a prática contábil, os pesquisadores usam o raciocínio dedutivo como forma de construir mecanismos de predição das ações aceitáveis aos profissionais contábeis. A essência ontológica nos estudos contábeis é entender a realidade de forma objetiva, construindo, a partir deste entendimento, pesquisas teórico-empíricas baseadas em teorias que detêm a aceitação da comunidade científica. Como resultado do uso da abordagem positivista, os pesquisadores esperam formular estudos capazes de serem falseados recebendo assim a legitimidade no campo científico.

Seguindo uma tendência mundial iniciada nos Estados Unidos, a pesquisa brasileira em contabilidade, a partir do começo dos anos 2000, empregou efetivamente a abordagem positivista na maioria dos seus trabalhos. Theóphilo e Ludícibus (2005) explicam que “os ‘estudos positivos em superfície’ passaram a ter forte predomínio nas escolhas dos pesquisadores”, e que “a mudança para esse tipo de estudo é natural, visto que ele representa um contraponto aos estudos ‘normativos em profundidade’, característica da fase anterior”.

Sobre a mudança de abordagem, Martins (2005, p. 3), ressalta que o Positivismo “virou símbolo de pesquisa científica em Contabilidade; o domínio da estatística e da matemática capazes de comprovar ou não hipóteses passou a ser tão importante (às vezes mais, infelizmente) quanto o conhecimento da Contabilidade propriamente dita”. A partir de então, entendemos que os pesquisadores brasileiros em contabilidade passaram a considerar a abordagem positiva como um critério definidor na construção de seus trabalhos, ao utilizarem modelos estatísticos robustos que confirmassem as relações causais entre os procedimentos contábeis. Nesse sentido, ao dar ares de ciência natural aos seus trabalhos, os pesquisadores procuravam cientificizar a pesquisa contábil, numa tentativa de atribuir-lhe mais autoridade científica.

A dominação da abordagem positivista pode ser interpretada pela falta de autonomia do campo de pesquisa contábil perante o campo profissional, visto que a organização da profissão ocorreu antes mesmo que cursos superiores fossem estabelecidos, e com isso “[...] as posições de destaque no meio acadêmico, ao longo dos anos, foram ocupadas por indivíduos com atuação destacada também no campo profissional [...]” (Homero Júnior, 2017b, p. 325). Desde a gênese, prevaleceu na formação que preparava para o mundo do trabalho, os discursos do campo profissional sobre o campo acadêmico e científico, predominando a visão da teoria econômica neoliberal, fortemente ligada à abordagem positivista, compromissada com os interesses do mercado e do capital.

Ao longo dos anos formou-se uma ciência contábil baseada no positivismo, fomentada exclusivamente em métodos quantitativos, cuja combinação na maioria dos casos, produziu conhecimentos limitados à legitimação do poder institucional, fortalecendo mitos, mascarando conflitos e perpetuando uma ordem social falsa, não condizente com a realidade (Baker & Bettner, 1997).

Ao analisar os fatos relatados até então sob a ótica de Bourdieu, é notório que os agentes dominantes do campo de pesquisa contábil no Brasil adotaram uma estratégia de conservação ao migrarem da abordagem normativa para a positiva, com o intuito de preservar e perpetuar a lógica estabelecida, no caso, o discurso científico positivista. Sob a égide da autoridade científica instituída, a estratégia de conservação inclui o controle, a preservação e manutenção das instituições responsáveis pelos meios de ensino e circulação das pesquisas contábeis, corroborando com o *habitus* dominado pelo *modus operandi* positivista.

Para Chua (1986) o *mainstream* contábil assumiu um conjunto de pressupostos ontológicos sobre questões científicas elementares que envolvem o que é a realidade, como se dá o acesso à verdade e qual o tipo de raciocínio científico que deve ser empregado na produção do conhecimento. Ao eleger esses pressupostos como a maneira padrão de se praticar a ciência contábil, automaticamente excluiu-se uma série de outras problematizações a serem consideradas, e métodos diversos a serem empregados.

Na academia, uma das consequências marcantes da dominação da pesquisa positiva na contabilidade é o fato de pesquisadores não *mainstream* serem marginalizados, tanto nos espaços de pós-graduação, quanto nas chamadas dos meios de comunicação científica, os quais no interesse de sustentar o *mainstream* não aceitam outro tipo de pesquisa que não seja a pesquisa positivista (Lukka, 2010). Esses mecanismos de dominação limitam a diversidade do pensamento contábil, além de excluírem e sufocarem questões sociais, imprescindíveis para o debate contábil, que podem e devem ser trabalhadas através de perspectivas

sociológicas, de forma a contribuir com a ampliação dos conhecimentos na área (Villiers & Fouché, 2015).

Ao considerar a limitação da pesquisa contábil subordinada a aspectos econômicos e a uma perspectiva objetiva da realidade, Mendes, Fonseca e Sauerbronn (2020) entendem que há uma colonização das reflexões contábeis, que resulta no processo que domina a forma de se entender a construção dos conceitos na contabilidade. Sobre esse processo, Hopwood (2007) evidenciou que o campo de pesquisa contábil americano é dominado por uma “elite” que procura sustentar o status quo acadêmico adquirido com a ascensão do positivismo na área. No Brasil, Homero Júnior (2017a) destaca que há um monopólio da autoridade científica como característica marcante do campo de pesquisa contábil, evidenciando a colonização das reflexões contábeis pela dominação da pesquisa positivista.

Para Andrew et al. (2020) a dominação no campo contábil procura marginalizar outras perspectivas que não se encaixem nas características tradicionais. Sobretudo ao sufocar outras ontologias e epistemologias cientificamente aceitas, que poderiam e deveriam ser mais bem aproveitadas na construção de novos conhecimentos contábeis, restringe-se o pensamento contábil.

3 Aspectos Metodológicos

Considerando os pressupostos ontológicos da dimensão da realidade subjetiva, construída a partir da relação entre os seres humanos, e transmitida e desenvolvida em um contexto essencialmente social (Crotty, 1998), esta pesquisa se constitui como crítica, de abordagem qualitativa, tendo como proposta metodológica a realização de uma entrevista em profundidade, a fim de identificar as dificuldades encontradas no campo contábil para a realização de pesquisas que subvertem os padrões de dominação paradigmática, mediante a discussão de evidências acerca do grau de abertura na contabilidade para pesquisas distintas do *mainstream*.

Como pesquisadores qualitativos nosso interesse é a análise do processo e não apenas dos resultados, e compartilhamos do entendimento de Godoy (1995, p. 63) de que “não é possível compreender o comportamento humano sem a compreensão do quadro referencial (estrutura) dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações”.

Quanto à proposta para coleta de evidências, a entrevista em profundidade nas ciências sociais, é uma metodologia muito utilizada para captar as percepções ou pontos de vista das pessoas, fornecendo ao pesquisador novas perspectivas sobre determinado assunto. O ponto de partida para essas novas percepções são as construções sociais existentes, que constituem a realidade essencial das pessoas. Por meio da entrevista em profundidade o

pesquisador consegue formar esquemas interpretativos que o ajudam a entender e analisar a fala do entrevistado, e assim responder suas indagações, bem como compreender as crenças, motivações, atitudes e valores que compõem o comportamento das pessoas em contextos sociais específicos (Bauer & Gaskell, 2000).

O convite, para a entrevista em profundidade, realizado por e-mail, foi prontamente respondido e aceito. O consentimento livre e esclarecido foi concedido quando da realização da entrevista, assim como foi autorizada a gravação de nosso encontro e sua identificação nominal na pesquisa, pois consideramos importante e enriquecedor para a discussão atribuir sua identidade aos relatos, opiniões, ideias, enfim... à sua história. A pesquisa está inserida na Plataforma Brasil sob o nº CAAE 56521322.4.0000.5152, com apreciação pelo Comitê de Ética e Pesquisa.

Importa destacar que a entrevista seguiu um tópico guia que colaborou com a progressão da entrevista, permitindo pausas quando de momentos de emoção e retorno a alguma questão, se necessário. Cabe ressaltar que o roteiro de tópicos, elaborado com base em Magrini (2022) foi apenas um norte e que novos questionamentos surgiram ao passo que a entrevista foi realizada. Apenas três questões [ou provocações] constaram do guia sendo elas: 'nos conte quando e porque se decidiu pela pesquisa interpretativa e crítica...'; 'nos conte quais dificuldades enfrentou e enfrenta como pesquisadora interpretativa e crítica'; 'em sua opinião como as pesquisas interpretativas e críticas têm sido recebidas pelo campo de pesquisa contábil?'. O encontro entre os pesquisadores durou em média 125 minutos. Após, o áudio foi convertido em texto, mediante o uso do software Transkriptor®. A codificação das falas revelou as evidências discutidas.

Para interpretação das evidências, usamos a Análise do Discurso, por entendermos que a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer. Sobre a memória do dizer Caregnato e Mutti (2006, p. 680-681) a entendem como "a memória coletiva constituída socialmente; o sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso e de ter controle sobre ele, porém não percebe estar dentro de um contínuo, porque todo o discurso já foi dito antes". A vertente utilizada é a análise dialógica do discurso de Bakhtin (2003).

É possível perceber uma convergência entre os fundamentos da Análise do Discurso e as proposições teóricas de Bourdieu utilizadas nesta pesquisa. Os diferentes aspectos que perpassam a enunciação dos discursos - ideologias, história, e linguagem - estão associados à própria constituição do campo, do *habitus* e do capital, o que nos permitirá evidenciar as tensões e as dificuldades sofridas pela Doutora Sandra Maria. Em síntese, a análise resulta de discussões acerca da experiência da pesquisadora em questão, e trata-se de um passo metodológico que

intentou superar o desafio de pesquisas interpretativas que produzem explicações que, em diversas situações, seus praticantes podem não concordar.

A história de vida de nossa entrevistada é marcada por vivências ímpares, e a decisão de compreender como tais vivências estão embrincadas com as tentativas de subversão do status quo do campo científico contábil, ocorreu após a leitura do artigo 'Nenhum saber a menos!' (2019), que narra sua trajetória acadêmica no doutorado e aponta a importância de novas possibilidades de abordagens de pesquisa na contabilidade.

A professora e pesquisadora Sandra Maria é doutora pelo Programa de pós-graduação em Controladoria e Contabilidade da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP), mestra em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia, e têm duas especializações: uma em Administração Pública e outra em Economia e Gestão Pública, ambas pela Universidade Estadual de Feira de Santana, onde também se graduou em Administração. Ela é cofundadora do Núcleo FEA-USP de Pesquisa em Gênero, Raça e Sexualidade (GENERAS) e integra a rede Qualitative Research and Critical Accounting (QRCA). Atua como Assessora Especial de Políticas Afirmativas e professora adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana e na Faculdade Anísio Teixeira, no curso de Administração.

4 Barreiras e Desafios: Uma Pesquisa Não *Mainstream*

A entrevista concedida pela professora doutora Sandra Maria foi norteada por um roteiro semiestruturado, e na análise procuramos destacar pontos considerados relevantes e que corroboram com o objetivo desta pesquisa. Usamos neste início de discussão, recorte de material escrito pela docente, em seu já citado artigo, por entendermos que esse material reafirma e confirma seu discurso atual. Sobre a tensão em construir sua tese recortamos o seguinte excerto:

A ideia era construir uma tese falando de mulheres e de raça na contabilidade, na abordagem qualitativa e na perspectiva crítica. Uma proposta a princípio, inaceitável. Sobretudo para a escola dos professores. Um ambiente que só percebe como válida as pesquisas que se mantém no *mainstream*, como pesquisas quantitativas, positivistas e pós-positivistas. Desta forma, foram continuamente utilizadas diferentes formas para tentar desqualificar o projeto. Diante das reações de resistência à temática inovadora escolhida fôra necessário estabelecer estratégias para manter a reflexão e demonstrar a validade da pesquisa. (Silva, 2019, p. 120)

As dificuldades ao longo da trajetória formativa de nossa entrevistada vão muito além da escolha paradigmática:

por ser mulher, mãe e negra, Sandra Maria relatou, sem querer se aprofundar muito, episódios de racismo, sexismo e falta de apoio. Disse também que em alguns momentos as dificuldades da sua escolha paradigmática se juntavam a essas outras e tornavam a problemática ainda maior. Os relatos sobre os enfrentamentos, sobretudo enquanto cursava a pós-graduação evidenciam que os problemas advindos de escolhas metodológicas diferentes do *mainstream* contábil são muitos e devem ser tratados e superados através da pesquisa e do engajamento participativo dos agentes que constituem o campo.

O contato da professora Sandra Maria com o campo da Ciência Contábil ocorre no seu processo de doutoramento, embora suas experiências iniciais como docente concursada tenha sido em turmas de contabilidade. No doutoramento ‘emerge’ o pesquisador, visto que a exigência nos programas de pós-graduação, em cursos de doutorado, é essencialmente a produção e defesa de uma pesquisa na forma de tese. Definir a ontologia e epistemologia, portanto, é essencial. Porém, Sandra Maria não teve ao longo de sua formação acadêmica anterior aprofundamento em questões ontológicas e epistemológicas, tendo cursado apenas algumas disciplinas que abordavam aspectos metodológicos. Mesmo no mestrado, no qual trabalhou com pesquisa qualitativa e pesquisou políticas públicas locais e regionais, não teve uma formação epistêmica aprofundada.

Pouco antes de iniciar o “criterioso processo seletivo” para o doutorado, Sandra Maria fez um curso oferecido pela universidade em que trabalha, tendo seu primeiro contato com a abordagem crítica e com as questões ontológicas e epistemológicas da pesquisa. Para a pesquisadora ter trabalhado com pesquisa qualitativa no mestrado e ter feito o curso sobre a abordagem crítica foram determinantes para que no doutorado sua proposta de pesquisa fosse trabalhar com pesquisa crítica introduzindo a discussão sobre mulheres e raça na contabilidade.

A formação acadêmica em outras áreas do conhecimento, acreditamos, contribui para uma visão paradigmática para além do positivismo contábil, pois no caso da professora Sandra Maria essa formação acadêmica diversa foi preponderante para suas escolhas metodológicas, epistemológicas e ontológicas. As falas de Sandra Maria, no entanto, revelam uma valorização dos alunos “puro sangue” – aqueles graduados em Ciências Contábeis e com curso de mestrado também na área contábil – e a eles era atribuído um grau de superioridade, inclusive por seus colegas de sala.

Entendemos que a valorização daqueles que possuem uma formação acadêmica exclusiva na contabilidade se associa a dois elementos conceituais desenvolvidos por Bourdieu: *nomos* (1989) e *capital simbólico* (2004b). A ideia de *nomos* se associa ao domínio das regras do jogo implícitas no interior de cada campo

sendo que discentes vulgarmente denominados “puro sangue” manejam melhor essas regras de maneira a se sustentar mais facilmente no campo. De maneira semelhante, a atribuição de uma superioridade a esses discentes advém da concentração de capital simbólico no interior do campo, que resulta em reconhecimento e validação de suas posições em relação aos demais.

A turma de doutorado de Sandra Maria era composta na sua maioria por homens que tinham a abordagem positivista como pressuposto norteador de suas pesquisas. Essa percepção da entrevistada é corroborada pelos conceitos Bourdieusianos, que nos leva a entender que no campo de pesquisa contábil, a dominação pelo paradigma funcionalista positivista é evidente e a manutenção do *status quo* é cômoda, tanto para aqueles que estão em posição de dominação no campo, tanto para outros, que prezam por essa continuidade, para que possam entrar no campo e conquistar seu espaço (Bourdieu, 2004a).

Ao ingressar no curso de doutorado em contabilidade na FEA-USP, após um “difícil processo de seleção”, e tendo como ponto de partida um projeto de pesquisa na perspectiva crítica, a pesquisadora relatou as primeiras dificuldades e tensões, ao perceber como são as regras do jogo na pós-graduação em contabilidade na instituição, após pedir, em momentos distintos, para que dois professores do programa lessem e contribuíssem com seu projeto de pesquisa. Do primeiro professor foi questionada quanto à autoria do projeto, e ao relatar esse episódio tanto seu discurso quanto sua expressão corporal - a entrevistada coça sua cabeça e olha para o alto -, evidenciam seu desconforto:

É difícil falar disso... ele disse “não é possível que você em tão pouco tempo escreveu esse projeto, nessa qualidade, nessa densidade!” **Eu fiquei completamente sem chão**, mas eu peguei o referencial teórico, naquele momento ele tinha quatro páginas, eu falei para ele de cada uma das referências, e como é que aquela referência aparecia no meu trabalho. **Porque não é uma coisa fácil**, eu ouvir a pessoa dizendo que alguém fez pra mim, que eu não tinha feito meu trabalho [...].

Do segundo professor da pós-graduação, após a leitura, foi lhe dito: “Pare de ler na cartilha do PT!”. Para Sandra Maria o professor e outras pessoas do programa não estavam habituados a pensar outro tipo de pesquisa que não aquelas ligadas ao mercado, e como seu projeto pesquisa tratava de questões sociais recebeu duras críticas. Ao tentar entender o porquê das críticas, a professora evidencia o funcionamento de um elemento do *habitus* do campo de pesquisa contábil que tende a rechaçar qualquer outro tipo de pesquisa que não seja a dominante. Isso porque o *habitus* se mantém justamente pela cristalização e internalização das concepções do campo, plasmadas na *doxa* – que funciona como um elemento organizador do reconhecimento mútuo

dos agentes envolvidos (Bourdieu, 1989) no campo. Ao propor uma pesquisa que questionava a doxa na qual os professores baseavam seus entendimentos, Sandra Maria é desacreditada e confrontada.

Em outro momento da entrevista, essa característica do *habitus* aparece também em outra fala de Sandra Maria quando relata que havia no programa de pós-graduação da FEA-USP uma forte orientação para o desenvolvimento de pesquisas quantitativas com foco na internacionalização. Como o *habitus* não é algo concreto, mas sim resultante de processos subjetivos, há a necessidade de reforçar os mecanismos de socialização que atestam os valores do campo (Wacquant, 2007), como o direcionamento para as pesquisas quantitativas. Outro elemento é a obrigatoriedade, também relatada por Sandra, de discentes cursarem a disciplina de métodos quantitativos que indica a orientação para o *habitus* positivista. Iguamente entendemos que mesmo que as propostas de pesquisa possuam abordagem não *mainstream*, os discentes “pagam um pedágio”, ao cursarem métodos quantitativos [ao invés de métodos qualitativos], e depois ainda precisam validar suas pesquisas juntos aos meios de divulgação.

Outro obstáculo superado pela professora Sandra Maria para defender sua proposta de pesquisa refere-se às críticas e a falta de apoio de docentes e de alguns colegas de sala. Seu discurso revela que o ambiente da FEA-USP era muito difícil e que eram poucos os discentes que experimentaram outras possibilidades de pesquisa. Em determinados momentos a então doutoranda escutou que seu trabalho “[...] não era científico, que era lixo, que estava lendo na cartilha da esquerda [...]”. Essas impressões por parte dos pós-graduandos demonstram o processo de internalização das concepções criadas pelo campo, que tem somente a pesquisa quantitativa positivista como válida. Estas concepções, após absorvidas são replicadas pelos pós-graduandos, que se submetem à influência e ao domínio dos agenciadores, e ajudam a perpetuar o jeito de ser do campo como explicado por Bourdieu (2004) e Wacquant (2007).

A dificuldade de divulgação da pesquisa não *mainstream* em congressos e periódicos da área, fora do ambiente da FEA-USP, também aparece na fala de Sandra Maria: ela comenta que por vezes sequer recebia um parecer, apenas uma informação dizendo que seu artigo não se encaixava nos moldes do evento ou do periódico. Em outros casos, ao apresentar seu projeto em alguns consórcios doutorais ouvia “comentários perversos e desalentadores”. A entrevistada relembra também ter recebido uma avaliação de um periódico de que seu trabalho era “ativismo” e não uma pesquisa, que o editorial da revista não tinha interesse. Sobre esse episódio ela comenta: “eu respirei e deixei fluir, porque era um trabalho que já tinha sido qualificado e aceito em outros espaços [...]”.

Dentre as dificuldades relatadas por Sandra, a que mais lhe causou dor e indignação foi a rejeição de uma bolsa de estudos pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que a ajudaria a se manter em São Paulo, para onde se mudara, enquanto cursava o doutorado. Também lhe permitiria custear gastos com sua filha pequena, de apenas 4 anos, que ficara com seus pais na Bahia, bem como suas viagens uma vez por mês para visitar ela e seus pais. A causa de sua indignação foi motivada pelo parecer sobre a não aprovação da bolsa, no qual, segundo a professora, o relator escreveu “uma página e meia de elogios ao projeto e logo em seguida diz que aquele conteúdo não era contabilidade”. Embora tivesse interposto recursos contestando o parecer e evidenciando o ineditismo da pesquisa no Brasil, as qualidades destacadas pelo próprio relator, e apresentado várias pesquisas internacionais tratando sobre o mesmo tema na contabilidade, foi informada que não havia recursos suficientes para a concessão da bolsa. A entrevistada conclui esta passagem comentando que:

Isso foi muito denso, foi difícil assimilar! Por que eu não recebi aquela bolsa? Com base no parecer inicial que reconhecia a qualidade do projeto e com base no meu questionamento, onde mostrei o ineditismo e que esse tipo de pesquisa já tava (sic) sendo realizada, já tinha várias publicações fora do Brasil, então você vê que **há questões outras para a pessoa receber a bolsa além da qualidade da pesquisa**. Que a gente não é ingênuo de saber que tem. **Mas aquilo ali apareceu de uma maneira muito forte.**

Sua fala nesse momento é pausada e pesarosa, suas expressões faciais são um misto de revolta e tristeza; Sandra Maria sabe o quanto aquela bolsa poderia ter lhe ajudado naquele momento. Percebemos em sua fala, que além das questões que envolvem a escolha paradigmática, o sexismo e racismo subentendido, potencializam suas emoções. Considerando essa vivência da entrevistada, alguns questionamentos emergem: quem determina o que é ou não contabilidade? Quem determina quais assuntos podem ou não ser tratados pela contabilidade?

A reflexão sobre as problematizações retro mencionadas nos leva a ponderar até que ponto o pensamento monoparadigmático dentro da contabilidade limita a produção diversa do conhecimento sobre vários temas que podem e devem ser tratados pela Ciência Contábil, além de cercar o desenvolvimento pessoal e coletivo dos sujeitos, fazendo com que eles percam oportunidades diversas. Isso porque ao restringir seu campo de ação às questões de mercado e de capital, o *mainstream* contábil deixa fora da discussão temas sociais importantes para a vida em uma sociedade que precisa ser mais justa e igualitária.

Creemos que todas as dificuldades, barreiras e desafios

vivenciados pela entrevistada são comuns a outros pesquisadores que buscam subverter os padrões de dominação paradigmática que ainda prevalecem na pesquisa em contabilidade, e são evidências do ainda incipiente grau de abertura na contabilidade para pesquisas distintas do *mainstream*. É preciso, no entanto, destacar que uma resistência à estrutura do campo científico contábil tem sido observada, pois agentes como nossa entrevistada e outros, cujas pesquisas adotam o paradigma crítico e interpretativista não tem aceitado, de maneira passiva as disposições impostas pelo campo.

O diálogo com gênero e raça na contabilidade, proposto na pesquisa não *mainstream* da entrevistada, exemplifica a busca pela transformação do *habitus* do campo, sobretudo devido ao suporte teórico e metodológico de pesquisadores críticos essenciais para a sua discussão como: Silvia Casa Nova, Sueli Carneiro, Lélia Gonzales, Artur Nascimento, Chua, Gendron, Paulo Freire, David Carter, entre outros. Particularmente, entendemos que esse diálogo com outras áreas do conhecimento, por meio da incorporação de autores que vêm discutindo as relações sociais por meio de vertentes críticas e qualitativas, é fundamental para a ampliação paradigmática do campo e a minimização do isolamento científico da contabilidade.

Questionada sobre estratégias que podem ampliar espaços dentro do campo e fomentar sua abertura e possíveis mudanças, Sandra Maria ressalta a importância da orientação no processo de construção da pesquisa, destacando que:

[...] as pessoas que estão à frente da orientação, à frente dos programas, não se fechem para possibilidades. Às vezes a pessoa fala: mas eu não conheço, eu não domino, como é que eu vou orientar? Mas eu acho que **boa vontade faz muita diferença né?! É** uma coisa que as pessoas podem construir juntas, a pessoa pode se oportunizar para conhecer a possibilidade. Porque muitas vezes a pessoa se fecha e talvez haja uma leitura de que ela terá mais trabalho (...).

Concordamos que uma forma de reduzir barreiras a propostas de pesquisas não *mainstream* é a boa vontade de orientadores positivistas para não se fecharem a outras possibilidades de pesquisa, além da disposição para conduzir uma orientação com abordagem interpretativista ou crítica, mesmo que essa decisão os leve a um maior esforço. Para tanto, docentes precisam, no mínimo, reconhecer as pesquisas críticas e interpretativistas como científicas e como produtoras de conhecimento de qualidade. É essencial problematizarmos essa questão na forma de provocações: quem domina o campo de pesquisa contábil têm interesse em mudar, sair de sua zona de conforto e não se fechar para outras possibilidades de pesquisa? Sobre essa questão, Magrini, Santos, Silva e Soares (2022) corroboram a percepção de que na maioria das vezes pesquisadores

positivistas produzem pesquisas com metodologia qualitativa sem abandonarem a abordagem *mainstream*.

Outra estratégia relatada pela entrevistada como forma de ampliação da pesquisa contábil não *mainstream* é a iniciativa de pesquisadores que procuram fomentar a abordagem interpretativa e crítica nos programas de pós-graduação onde atuam e que também formam uma rede de apoio como a QRCA:

Tem aí todo encaminhamento de congressos para publicações, de redes de contato. **É um avanço muito grande**, pois é uma rede que é na América Latina, mas não só na América Latina [...]. E aí nós estamos falando da massa crítica né, para que daí essas informações possam ser disseminadas.

Embora entenda que pesquisas interpretativistas e críticas no Brasil e na América Latina estejam aumentando, Sandra Maria destaca que ainda são poucos os pesquisadores que adotam esses pressupostos epistemológicos. Para a entrevistada é preciso condições para a realização das pesquisas e aumento das discussões sobre o tema nos programas de pós-graduação e também na graduação, com a oferta de disciplinas que possibilitem o aprendizado de outras formas de ler e de construir o conhecimento. Mesmo que as discussões sobre outras abordagens de pesquisa estejam sendo observadas nos congressos, com a apresentação de trabalhos críticos e interpretativos de qualidade, existe uma demanda reprimida de temas a serem tratados pela contabilidade, pois em sua opinião “[...] são muitas vozes sufocadas que precisam de espaço!”.

5 Reflexões Finais

Esta pesquisa teve como objetivo identificar as dificuldades encontradas no campo contábil para a realização de pesquisas que subvertem os padrões de dominação paradigmática, a partir da discussão acerca do grau de abertura na contabilidade para pesquisas distintas do *mainstream*. As evidências foram coletadas a partir de uma entrevista em profundidade analisada à luz dos conceitos teóricos de campo, *habitus* e capital de Pierre Bourdieu, na vertente dialógica Bakhtiniana. Buscamos nas falas da pesquisadora Sandra Maria identificar e compreender os desafios e barreiras observadas por ela ao ingressar em um campo de pesquisa positivista e funcionalista, com uma proposta de pesquisa que rompia com o status quo estabelecido.

Suas falas evidenciam como o discurso e as práticas monoparadigmáticas ainda são presentes e dominantes no campo de pesquisa contábil, assim como os agentes desse campo reproduzem uma doxa ao agirem de forma tácita de acordo com as regras que mantem a predominância do incentivo ao *mainstream* positivista. Percebemos que o nomos e a doxa levam os agentes a agirem de forma muito parecida, sejam eles os

docentes que atuam na pós-graduação, os discentes que a cursam, e até mesmo editores e avaliadores de periódicos onde o conhecimento não *mainstream* deve ser socializado. Por isso, cada vez mais, são necessárias estratégias de superação e ampliação para a constituição de um campo de pesquisa contábil multiparadigmático.

Acreditamos, portanto, que as iniciativas individuais e em grupo, junto com a formação de redes de apoio sejam importantes para fomentar e ampliar os espaços das abordagens interpretativas e críticas dentro do campo de pesquisa contábil no Brasil. Concordamos com a entrevistada ao dizer que a rede QRCA é um avanço muito grande no sentido de buscar a equidade paradigmática. É preciso que, cada vez mais, a contabilidade se abra para as epistemologias críticas e interpretativas, para que os novos pesquisadores e pesquisadoras não passem pelas barreiras e desafios narrados nesta investigação.

Pesquisadoras e pesquisadores não devem se obrigar a provarem constantemente que uma pesquisa qualitativa, com paradigma interpretativo e crítico, também tem valor científico. Entendemos que a nossa posição em um campo é o que determina a forma como consumimos não só as coisas, mas também o ensino, a política, as artes e tantas coisas mais. Nestas movimentações estão em jogo os interesses de conservação, e por conseguinte a reprodução, contra os interesses de subversão da ordem dominante no campo.

Pesquisas não *mainstream* não devem ser diminuídas em sua importância e, sobretudo, pesquisadores alternativos devem ser acolhidos e respeitados pela comunidade científica. O campo contábil deve estar em movimento, visto que é possível produzir ciência por meio de múltiplas perspectivas.

As evidências apresentadas nesta pesquisa nos levam a destacar ser imperativa a ampliação de discussões sobre paradigmas de pesquisa de modo a diversificar o repertório científico da contabilidade e garantir o diálogo construtivo entre pesquisadores que utilizam diferentes abordagens. Tais evidências confirmam, sobretudo, a contribuição teórica desta pesquisa, ao alinhar o suporte dos conceitos teóricos de campo, *habitus*, capitais, dominação e reprodução do poder, *illusio* e poder simbólico, à análise da narrativa.

Como contribuição prática deste estudo, sugerimos e entendemos serem necessárias ações que: a) promovam práticas que garantam o respeito ao contraditório nas diferentes etapas formativas no campo da contabilidade, estimulando a diversidade e a convivência entre as diferentes formas de se compreender a realidade; b) investimento no caráter de multiplicidade paradigmática na formação dos pesquisadores e professores no campo contábil, evidenciando as teorias e métodos de análise da realidade social, que proporcionam variados

entendimentos acerca dos fenômenos estudados; c) estímulo, nos programas de pós-graduação e nos programas de iniciação científica, à realização de pesquisas interpretativas e críticas; d) incentivo a uma política editorial que contemple a publicação de artigos com abordagens diferentes do *mainstream*.

Para trabalhos futuros sugerimos a ampliação do número de entrevistas com pesquisadores e pesquisadoras “fora da caixa” de modo a ampliar a gama de estudos sociológicos para melhor entendimento do campo de pesquisa contábil, e da subversão paradigmática que nele se intenta estabelecer.

Referências

- Abbagnano, N. (2007). Dicionário de filosofia. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Andrew, J., Cooper, C., & Gendron, Y. (2020). Critical perspectives on accounting and journal rankings: engaging in counter discourses and practices. *Critical Perspectives on Accounting*, 71, 102-169. <https://doi:10.1016/j.cpa.2020.102169>
- Baker, C. R., & Bettner, M. S. (1997). Interpretive and critical research in accounting: a commentary on its absence from mainstream accounting research. *Critical Perspectives on Accounting*, 8(4), 293-310. <https://doi.org/10.1006/cpac.1996.0116>
- Bakhtin, M. Osgêneros do discurso. In: Bakhtin, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (Eds.). (2000). *Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook for social research*. Sage.
- Bilhim, J. A. F. & Gonçalves, A. O. (2021) Abordagens epistemológicas e pluralismo na pesquisa em contabilidade: para além do paradigma dominante. *Public Sciences & Policies*, 7(1), 28-44. <https://doi.org/10.33167/2184-0644.CPP2021.VIIIN1/pp.59-75>
- Bourdieu, P. (1989). *A gênese dos conceitos de habitus e de campo. O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus.
- Bourdieu, P.; Chamboredom, Jean-Claude; Passeron, Jean-Claude. (1990). *A profissão de sociólogo, preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (2001). *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (2003) *Algumas propriedades dos campos*.

- Questões de sociologia. Lisboa: Fim de Século.
- Bourdieu, P. (2004a). Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo, SP: Unesp.
- Bourdieu, P. (2004b). *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. J. D. (1992). *An invitation to reflexive sociology*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Bueno, A. F. (2006). Contabilidade positiva ou positivista? Algumas reflexões. *Revista de Estudos Universitários-REU*, 32(1). <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/2502>
- Cardoso, R. L., Oyadomari, J. C. T., & de Mendonça Neto, O. R. (2007). Influências da positive accounting nos programas de mestrado em contabilidade: uma análise bibliométrica da produção acadêmica de 2002 a 2005. *BBR-Brazilian Business Review*, 4(2), 158-170. <https://doi.org/10.15728/bbr.2007.4.2.5>
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 15, 679-684. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>
- Chua, W. F. (1986). Radical developments in accounting thought. *Accounting, the Social and the Political*, 61(4), 55-66. <https://doi.org/10.2308/bria-52377>
- Colander, D., Holt, R. P. F., & Rosser, J. B. (2004). The changing face of mainstream economics. *Review of Political Economy*, 16(4), 485-499. <https://doi.org/10.1080/0953825042000256702>
- Crotty, M. J. (1998). The foundations of social research: meaning and perspective in the research process. *The foundations of social research*, 1-256.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 35, 57-63. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>
- Hernández, J. D. C. (2018). Exhortación por una perspectiva crítica de investigación en contabilidad coherente. *Revista Visión Contable*, (17), 159-184. <https://doi.org/10.24142/rvc.n17a6>
- Homero Junior, P. F. (2017a). Paradigma e ordem do discurso da pesquisa contábil brasileira. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 10(1), 039-053. <http://dx.doi.org/10.14392/asaa.2017100103>
- Homero Junior, P. F. (2017b). A constituição do campo científico e a baixa diversidade da pesquisa contábil brasileira. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, 11(3), 314-328. <https://doi.org/10.17524/repec.v11i3.1565>
- Hopper, T., & Powell, A. (1985). Making sense of research into the organizational and social aspects of management accounting: a review of its underlying assumptions. *Journal of management Studies*, 22(5), 429-465.
- Hopwood, A. G. (2007). Whither accounting research? *Accounting Review*, 82(5), 1365-1374. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.1985.tb00007.x>
- Lourenço, R. L., & Sauerbronn, F. F. (2016). Revistando possibilidades epistemológicas em contabilidade gerencial: em busca de contribuições de abordagens interpretativas e críticas no Brasil. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 13(28), 99. <https://doi.org/10.5007/2175-8069.2016v13n28p99>
- Lukka, K. (2010). The roles and effects of paradigms in accounting research. *Management Accounting Research*, 21(2), 110-115. <https://doi.org/10.1016/j.mar.2010.02.002>
- Magrini, V. O., Santos, G. C., Silva, M. A., & Soares, E. C. (2022). Análise epistemológica do 3º Congresso UFU de Contabilidade. *Revista Mineira de Contabilidade*, 23(3), 10-23. <https://doi.org/10.51320/rmc.v23i3.1393>
- Major, M. J. (2017). O positivismo e a pesquisa 'alternativa' em Contabilidade. *Revista Contabilidade & Finanças*, 28, 173-178. <https://doi.org/10.1590/1808-057x201790190>
- Martins, E. (2005). Normativismo e/ou Positivismo em Contabilidade: qual o futuro? *Revista Contabilidade & Finanças*, 39(3), 1. <https://doi.org/10.1590/S1519-70772005000300001>
- Medeiros, J. D. S. (2017). Abordagem bourdieusiana para uma análise de campo: um enfoque para a comunicação científica e o acesso aberto. *Em Questão [recurso eletrônico]*, 23(2), 98-119. <https://doi.org/10.19132/1808-5245232.98-119>
- Mendes, D., Fonseca, A. C. P. D., & Sauerbronn, F. F. (2020). Modos de ideologia e decolonialidade em materiais didáticos de Contabilidade. *Education Policy Analysis Archives*, 28(99), 99. <https://doi.org/10.14507/epaa.28.5061>
- Silva, S. M. C. (2019). Nenhum saber a menos! *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 14(4), 120-124. https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v14i4.31348
- Theóphilo, C. R., & Ludícibus, S. de. (2009). Uma análise crítico-epistemológica da produção científica em contabilidade no Brasil. *Contabilidade Gestão e Governança*, 8(2). <https://revistacgg.org/index.php/contabil/article/view/164>
- Thiry-Cherques, H. R. (2006). Pierre Bourdieu: a teoria na prática. *Revista de Administração Pública*, 40, 27-53. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003>

- Villiers, R. R. de, & Fouché, J. P. (2015). Philosophical paradigms and other underpinnings of the qualitative and quantitative research methods: an accounting education perspective. *Journal of Social Sciences*, 43(2), 125-142. <https://doi.org/10.1080/09718923.2015.11893430>
- Vogt, M., Silva, M. Z. D., & Valle, I. R. (2021). "Comendo pelas beiradas": vigilância epistemológica e a abordagem Bourdieusiana no campo contábil. *Cadernos EBAPE*, 19, 58-69. <https://doi.org/10.1590/1679-395120190117>
- Wacquant, L. (2007). Notas para esclarecer a noção de habitus. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 10(16), 63-71. <https://doi.org/10.15603/2176-1043/el.v10n16p63-71>
- Zimmerman, J. L. (2001). Conjectures regarding empirical managerial accounting research. *Journal of Accounting and Economics*, 32(1-3), 411-427. [https://doi.org/10.1016/S0165-4101\(01\)00023-4](https://doi.org/10.1016/S0165-4101(01)00023-4)